

**O EXMO. SR. MINISTRO ESDRAS GUEIROS (PRESIDENTE):** \* A presente sessão, embora não tenha o caráter de extraordinária, porque é sessão normal do plenário, é nos primeiros momentos dedicada a uma homenagem que todos nós Ministros, e creio que os demais presentes, prestam ao nosso eminente colega Ministro **Henoch Reis**, que está se despedindo desta Casa, deixando grande saudade, principalmente pelo esforço que aqui despendeu com seu talento e sua renomada cultura.

Acontece que foi sua Exa. convocado para exercer o governo do Estado do Amazonas, de onde é filho e onde só deixou grandes amizades.

Em nome do Tribunal, dou a palavra ao eminente Ministro Jarbas Nobre para proferir a saudação ao Ministro **Henoch Reis**.

**O EXMO. SR. MINISTRO JARBAS NOBRE:** O Tribunal me honrou com o encargo de ser o seu porta-voz nesta despedida do nosso querido colega e amigo Ministro **Henoch Reis**, neste momento em que se despede de nós para, logo mais, assumir a Governança do seu Estado natal, o Amazonas.

Fui o escolhido, não por ser o seu colega mais íntimo ou o mais antigo, eis que o nosso conhecimento e convívio datam, de pouco mais de quatro anos, pois sou dos mais novos neste Tribunal.

A escolha se deu por ser eu vizinho do Colega que se vai, uma vez que nasci em Belém do Pará. Somos da mesma região, portanto.

Aceitei a missão com muita alegria, confesso, porque encontro no Ministro **Henoch Reis** uma alma que se casa com a minha. Nossas origens, em verdade, são semelhantes não só pela terra, mas, também, pela humildade.

**Henoch Reis** me supera, porém, em todos estes pontos de contacto.

Explico.

No que respeita à terra, da minha saí ainda muito jovem, enquanto que ele dela se afastou há menos de 10 anos.

Daí a consequência natural. Suas raízes estão, ainda, solidamente presas ao seu solo, enquanto as minhas se vincaram, também em outros e aí, igualmente, aderiram.

---

\* 17ª Sessão Ordinária do Tribunal Pleno, em 20/06/1974.

Não esqueci, jamais, a minha Amazônia. São Paulo, entretanto, me fez repartir o sentimento de natalidade e por ele, após mais de 30 anos de vivência, passei a ter um amor todo especial.

De origem humilde sou, e disto não me envergonho.

Tenho, porém, que **Henoch Reis** nasceu mais humildemente do que eu.

Nasci em Belém do Pará, disse. **Henoch** nasceu em Manacapuru.

Parece que o simples enunciado deixa clara a diferença.

Humilde sou. Pela origem e pela educação.

**Henoch** o é por tudo isto e, mais, ainda, por convicção religiosa.

Sou católico por tradição de família. **Henoch Reis** é batista por tradição familiar e, principalmente, por convicção.

Sou ovelha. **Henoch** é pastor.

Nossas origens telúricas coincidem.

Porque nascemos à beira de rios, gostamos de água. Água em abundância.

O rio para ser belo, para ser querido, para ser o preferido, terá que ser o da nossa região. É porque, como escreveu Agrippino Grieco, ao cantar o seu Parnaíba:

Ele é nosso apenas, difere de todos os outros rios, dos rios demais. O nosso riozinho, este elo de prata a prender-nos a um dado recanto, esta melodia da nossa sensibilidade, é uma redescoberta de todos os dias, nunca é o mesmo da véspera, muda com as crianças que vão dia a dia mudando.

O riozinho do nosso Ministro é um rio-mar. Esplendoroso, monumental, assombroso, fantasmagórico. Qualquer descrição que se lhe faça não dá sequer idéia de sua grandiosidade. É preciso conhecê-lo.

Foi nesse panorama de imensidão insuperável, foi nessas margens que variam todos os anos com as enchentes, que **Henoch** abriu os olhos.

Foi aí, que ele conheceu isto que Alfredo Ladislau, no seu imortão "Terra Imatura", assim descreve em prosa que tem sabor de poesia:

Os dias na Amazônia morrem sempre gloriosamente aureolados, envoltos num estranho esbanjamento de luz. Nas suas rápidas transições para as noites cálidas e deslumbrantes, quase que não existe a tristeza empolgadora das penumbras crepusculares. E muitas vezes, noite já feita, os poentes conservam-se fortemente iluminados, como se a própria claridade vespéral ficasse embevecida, presa da fascinação dos reflexos que ela mesma produzira.

Impregnado daquelas grandezas, da luxuriante vegetação daquelas paragens, da insuperável luminosidade e colorido daqueles céus, **Henoch Reis** soube conservar essa modéstia admirável, esse grande coração e essa

capacidade incrível de fazer amigos, em todas as áreas, em todos os setores, entre jovens e velhos.

Com ele estive em Manaus, faz poucos dias. Lá observei como ele é querido pelo seu povo.

Os mais novos, o chamam de Mestre, professor que foi por largos anos da Faculdade de Direito. Raro é o rapaz ou moça de lá que não foi seu aluno. Os mais velhos com ele falam com respeito, como a pedir conselho e orientação. Os mais humildes, quase lhe pedem bênção.

Assisti um velho, à porta do hotel onde ficamos, a lhe implorar que lhe conseguisse a aposentadoria que não lhe dão.

Numa loja, a balconista, quando lá entramos, a nós se aproximou, correndo, para lhe dizer sua mãe, afilhada do nosso homenageado, estava feliz por sabê-lo na Terra.

E eram comissões e comissões a rogar-lhe que aceitasse sua indicação para o posto que exercerá, como solução feliz no problema político lá reinante.

**Henoch Reis**, Prefeito de Manacapuru, Juiz do Trabalho, Professor universitário, Ministro deste Tribunal, Governador do Estado do Amazonas. Trajetória triunfante de um homem simples, sincero e bom.

Vá, amigo. Assuma os destinos do seu Estado, que ele está disto necessitando.

Apanhe sua “montaria”, impulse-a com seu “jacumã”, suba e desça os seus rios para, em pessoa, resolver os problema do seu povo sofrido.

**Henoch Reis** sabe que razão tinha Aiuna quando, em palestra com Arianda, referindo-se à terra a este desabafava:

Diante desta grande milionária, permanecemos como usurários desprezíveis, sem o ânimo de usufruí-la (...) Somos, de fato, um povo que vive quase na miséria, dentro do maior celeiro do mundo.

**Henoch** sabe que assiste razão a Ladislau. A Amazônia é uma grande vítima das suas próprias grandezas. “Descomedida em todas as manifestações da natureza prodigiosa, cria e alimenta, ela mesma, as dificuldades mais insuperáveis para ser plenamente estudada e conhecida e os violentos obstáculos com que se opõe à exploração de suas riquezas.”

Mas, sabe, também, que, graças a Euclides da Cunha, a Região Amazônia, esse suntuoso “Império das Selvas”, hoje se apresenta com fisionomia diferente.

Não é mais um pedaço do “mau-mundo”, sem beleza física e sem estabilidade geológica, onde existem também serpentes cavilosas que, à noite, tomam às crianças o peito materno, iludindo-as com a lustrosa ponta da cauda anelada, e, pelas margens das águas ludras, na projeção das próprias sombras, seres humanos são apanhados, a todo passo, por traiçoeiras forças diabólicas.”

Não.

A Amazônia que Euclides descreveu e descobriu para todos, inclusive para nós que lá nascemos, é em tudo diferente dessa falsa imagem.

Com ele, como diz Ladislau, passamos a ter “uma Amazônia inteiramente nova, exalando ainda o cheiro das últimas tintas divinas, bem outra daquela prefigurada por nossa prosaica visualidade”. E só então verificamos que estávamos, de fato, pisando “a última página do Gênesis”, numa terra que braceja, como náufrago, sob o peso das águas, e onde o homem “é ainda um intruso impertinente”.

Porque tem conhecimento disto tudo, visto que nasceu lá, lá se criou e deambulou, nadou e navegou pelos rios maiores e menores e pelos centenares igarapés, a ele não será tão difícil enfrentar e resolver os sérios problemas locais e, prosseguindo na obra de Euclides, trazer ao Brasil e ao mundo, a fotografia do império ainda semi-adormecido do gigante que está semi-adernado, e transformá-lo no celeiro sonhado pelo índio Aiuna.

Sr. Ministro **Henoch Reis**.

Todos estamos felizes pela indicação do seu nome ilustre para dirigir o seu Estado.

A felicidade que sentimos é, porém, numa mistura de sensibilidade, perturbada e talvez destruída pela saudade que já estamos a sentir de Vossa Excelência.

Saiba Vossa Excelência, que sua ausência será sentida por demais. Por todos, sem exceção. Sim, porque não é comum, é raro até, que uma pessoa possa reunir tantas qualidades.

Ser amigo, bom colega, bom companheiro, bom irmão, não será fácil encontrar.

Desejamos sucesso na Administração que Vossa Excelência fará, como Governador.

Estamos honrados porque foi aqui, neste Tribunal que não faz política, onde mal temos tempo para uma simples e rápida troca de idéias, que o povo de Vossa Excelência, Ministro **Henoch Reis**, foi encontrar o homem que dirigirá o destino de seu Estado de nascimento.

Sucesso é o que desejamos, sinceramente.

**O EXMO. SR. DR. HENRIQUE FONSECA DE ARAÚJO (SUBPROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA):** Senhor Presidente, Senhores Ministros. A vida do indivíduo, como a das coletividades é marcada pela alternada

sucessão de alegrias e tristezas. Não poderia fugir a essa verdade, esta coletividade, embora numericamente pequena, que é o Tribunal Federal de Recursos.

Enchemo-nos de pesar, quando se afasta, por imposição legal, um de seus ilustres Ministros, mas, alegramo-nos, a seguir, pela chegada do colega que lhe vem preencher o lugar. Compartilhamos todos de uma distinção ou de uma honraria, com que qualquer deles seja distinguido, como nos entristecemos se algo de desagradável os aflige.

Assim, os que aqui estão e aqui permanecem vão compartilhando dessa inevitável e inelutável alternância de sentimentos.

Nem poderia ser diferente. A convivência diuturna, por longos anos, de homens voltados à uma mesma tarefa, leva, necessariamente – ou não seríamos humanos – a uma sólida, fraterna e duradoura amizade, quebrando arestas, eliminando divergência, superando preconceitos, sem prejuízo do que há de irredutível na personalidade de cada um.

Não faria exceção a essa realidade, a permanência e o convívio, nesta Casa de Justiça, do ilustre Ministro **Henoch Reis**.

Quando aqui chegamos, há oito anos, já encontramos S. Exa., ocupando sua Cátedra de Ministro, na qual pouco antes se investira por ato do saudoso Presidente Castello Branco. Deste então, designado para funcionar como representante do Ministério Público junto à egrégia 3ª Turma, passamos a conviver, diariamente, com o Ministro **Henoch Reis**, vindos, casualmente, dos extremos opostos deste nosso grande País – o Amazonas e o Rio Grande do Sul – em que as distâncias, paradoxalmente, não separam, mas, antes, aproximam os seus filhos.

Pudemos, assim, acompanhar, dia-a-dia, a atividade judicante do Ministro **Henoch Reis**, e assim, conhecer e surpreender a personalidade do homem e do juiz, fazendo-nos amigo de um e admirador do outro.

Realmente, conjugam-se em sua personalidade, harmoniosamente, as qualidades do cidadão e do juiz: porque probo e íntegro, foi reto e imparcial como magistrado; porque humilde e bondoso de coração, foi sempre juiz humano e justo.

Por isso, sentimos, desde já, o afastamento de S. Exa., pois perde o Tribunal a profícua atividade do juiz, perdem o Ministério Público e a União o magistrado em que sempre confiaram e do qual nunca tiveram motivo para descrer, mas perdem, mais, seus colegas e os titulares da Subprocuradoria-Geral o convívio do amigo e companheiro que se tornou de todos que tiveram a honra de gozar de sua amizade.

Conforta-nos a todos, porém, o motivo de seu afastamento: o exercício de outra, tão alta, quão honrosa função: Governador de seu Estado natal, aquele grande Amazonas, que pela sua imensidão geográfica, pelas riquezas que nele

esconde, pelo papel que tem desempenhado na comunidade nacional, pelo destino que lhe reserva o futuro, pela sua fidelidade à pátria comum, embora por tantos anos perdido e esquecido, é justo orgulho para todos os brasileiros.

Ao amazonense modesto e humilde, que por seus méritos e suas qualidades, foi galgando posições na vida pública – Prefeito de seu município, Juiz do Tribunal Regional do Trabalho, Professor de Direito – não poderia ser mais honrosa e mais expressiva a indicação de seu nome para dirigir os destinos de seu Estado, de sua terra e de sua gente.

Ainda que quisesse, não poderia recusar tão alto, quão espinhoso e árduo encargo, para cujo exercício, seu amor à terra natal e o exercício das funções que desempenhou lhe conferem indiscutível e inexcedível credencial.

Se, a nós, filhos de outras unidades da Federação, nos empolga e fascina a Amazônia, onde, por sua imensidão, me diz que a unidade do tempo não é a hora, nem o dia, mas, na melhor hipótese, a semana, o que não representará para um filho do Amazonas, ter a oportunidade, mais do que a honra, de dirigir-lhe os destinos, e contribuir, assim, para o engrandecimento, o progresso e, sobretudo, a definitiva conquista de suas terras, preparando-a, inclusive, para, no futuro, absorver, dentro da nacionalidade, os excessos populacionais de toda a parte?

A importância e a significação da investidura que, certamente, os representantes do povo amazonense lhe vão conferir, eminente Ministro **Henoch Reis**, fazem com que este momento, que deveria ser apenas de tristeza, seja também de alegria e satisfação, pela alta distinção que representa e pelos altos serviços que, em outro campo, vai prestar ao país.

Mas, lá, como aqui, V. Exa. estará presente em nossos corações, e, no encontro das águas, que passará novamente a contemplar, certamente verá V. Exa. a confluência das aspirações e sentimentos dos amazonenses e dos brasileiros de todos os demais recantos da pátria, pela sua perene unidade na grandeza dos destinos do Brasil.

**O ILMO. SR. DR. JOSÉ MOURA ROCHA (ADVOGADO):**

Colendo Tribunal. Eminente Ministro **Henoch Reis**;

Assim V. Exa. iniciou o seu “Domingo de Ramos”, nesta Casa:

Minha posse é vitória igualmente da democracia, que tem na igualdade de oportunidade para todos, um de seus princípios basilares; Democracia garantidora dos direitos fundamentais do homem.

Atento ao cometimento atribuído, aduziu:

Não basta a presença do Direito expresso nas constituições, nos Códigos, e nas Leis... Precisa de um oráculo que lhe interprete as normas muitas vezes estáticas, dando-lhe o dinamismo necessário, insuflando-lhe o poder da vida.

Naquela assentada, concluiu V. Exa.:

Não sei se estarei a altura dos conhecimentos dos meus Pares. Mas uma promessa posso fazer, nesta hora solene: é que saberei honrar esta beca que me ofertou o Governo do meu Estado.

Em nome dos advogados, esses impiedosos, porque quase sempre apaixonados juizes de Vs. Exas. afirmo-o: V. Exa. ao empunhá-la, honrou-a; dignificou-a.

Não é por acaso que V. Exa. não mais empunhará a beca do Tribunal, oferta do Estado do Amazonas, senão o cetro do próprio Estado. A semente – representada pela beca – deitou e germinou em solo fertilíssimo. No Eclesiastes, há uma epígrafe sobre as “Angústias de Esdras”, que orou perante Deus e clamou: “... estou confundido...”

Com efeito, testemunhei, colendo Tribunal, à semana transata, a angústia do nobre Presidente da eg. 3ª Turma, ao afirmar: “... destroçaram a minha Turma julgadora!”

Mas S. Exa. compreenderá, tal qual também expressa o Eclesiastes, que “todas as coisas tem o seu tempo.”

O juiz é convocado a governar.

Nesse livro evangélico, em capítulo sobre “Injustiças e avareza”, lê-se por doutrina:

Se vires a opressão dos pobres, e a violência que reina nos juizes, e que se atropela inteiramente a justiça naquela província não te admires deste procedimento; porque o que está alto tem acima de si outro mais alto, e sobre estes há ainda outros mais elevados, (...)

Ora, extrapole-se o ensinamento bíblico, porque de política se trata: o versículo induz a que se conclua que V. Exa. irá encontrar, por imperativo de sua formação jurídico-filosófica, “acima de si e mais alto que todos, o Povo, de cuja vontade deve emanar o Poder.”

Virtudes não faltarão a V. Exa., Sr. Ministro, que as tem, em profundidade, igual à extensão do tempo vivido por seu homônimo bíblico: “Todo o tempo de vida de Enoc foram 365 anos” Gên. 5:23.

Diz-se também que “Enoc agradou a Deus, e foi trasladado ao paraíso” Gên. 5:24.

E, verdade, o Amazonas é um novo paraíso: eclide em progresso. Mas, nem por isso, V. Exa. esquecerá a lição do seu nobre coestaduano, o Ministro Xavier de Albuquerque, ao saudar ilustre visitante, no Supremo Tribunal, ao invocar as palavras deste:

Assusta-me o predomínio da idéia do desenvolvimento econômico em nossos dias, base indispensável para muita coisa, mas não, em si mesmo, um fim.

E prosseguir aquele seletor orador:

Aludistes, aí, à revolução musical que Costa Rica empreendeu recentemente e para a qual tomou providência fundamental de reestruturar a Orquestra Sinfônica Nacional. E completastes, expressivamente: “Para que queremos tratores, se não temos violinos?”

Inquieta a ausência da melodia perene fruída na “Oração aos Moços”, do nosso Ruy, como padrão de apologia à Liberdade! Elemento vital à formação da cultura da Juventude.

Em seu discurso de posse, em 1969, e nalguns trechos agora repetidos, o douto Ministro Jarbas Nobre rememorou a sua peregrinação por esses Brasis. Evocou à Bahia de Jorge Amado, para o qual “o visgo do cacau prende o forasteiro”, mas, firmou, “aprisionei-me ao aroma do café da Paulicéia”, até “chegar a este desaguadouro que é Brasília, para onde convergem todos os rios, todas as vocações, todas as esperanças.”

Aqui vivemos, nobre homenageado.

Agora, V. Exa. retornará à sua Terra, para a Democracia, que revela os capacitados ao exercício do serviço à comunidade.

Não por vocação de militância política pura simples e lídima de empolgar o poder, senão como elevada razão existencial, inerente ao ser humano – tal se pode afirmar do seu passado.

Quando foram feitos o céu e a terra amazônicas, a Criação não prodigalizou espaço para esta Região. Mas ao ser gerado, “no sexto dia”, um dos seus mais ilustres filhos – imagem e semelhança de Deus, segundo o Gênesis –, careceu apenas de uma biometria singela, para sintetizar as virtudes de **Henoch da Silva Reis**.

Na Tribuna constante deste Tribunal, escolhemos um, dentro centenas dos seus sábios escólios, para caracterizá-lo:

Sr. Presidente. Srs. Ministros. A revolução vitoriosa trouxe e arrancou o Brasil daquele caos que nós conhecemos... Sabemos que seus mandatários,... vêm exercendo uma atividade moralizadora que, às vezes, e este Tribunal já teve ocasião, na assentada passada de desbastar as arestas, ou melhor, as bordas de certas atividades que vão além, procurando extirpar o contrabando. Sou de uma região, Sr. Presidente, onde o contrabando era uma prática de todos os dias.

Mas, atento à sua formação, redargüiu:

De modo que, Sr. Presidente, tenho sempre em grande conta a liberdade humana. Talvez minha formação de professor de Direito Público, talvez minha cátedra, onde, lá longe, aqueles rapazes – que serão o futuro do Amazonas e talvez do Brasil – (...) o sentido da liberdade, o sentido do direito, para que a qualquer aceno de criminalidade não se lançasse o indivíduo no xadrez.



É confortador que o evangélico se encontre, nesse passo, em comunhão ecumênica com a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Ecumênico Vaticano II:

Com empenho, se deve cuidar da educação civil e política, hoje muito necessária, tanto para o Povo, como, sobretudo, para a juventude, a fim de que todos os cidadãos possam desempenhar o seu papel na vida da comunidade política. Os que são idôneos ou possam tornar-se idôneos para exercer a difícil e ao mesmo tempo nobilíssima arte política, preparem-se para ela e procurem, exercê-la, esquecidos do proveito próprio e de vantagens materiais. Pela integridade e com prudência lutem contra a injustiça e a opressão, contra o absolutismo e a intolerância, sejam dum homem ou dum sistema político. Dediquem-se ao bem de todos, não só com sinceridade e retidão, mas com o amor e a coragem exigidas pela vida pública.

V. Exa. será bem-sucedido, vitorioso na Política, como o foi na Justiça, pois nunca o atingiu o epigrama referido, por Sir John Macdonald, *in seu Historical Trials*:

O medo traz de volta a concepção primitiva da função dos Tribunais; não exatamente o medo pessoal, mas o medo das mudanças, medo por parte dos sustentáculos da ordem antiga; medo dos efeitos das descobertas de novas verdades; medo de emergir em plena luz. Onde existe tal medo, não pode existir a justiça; os juízes passam a ser soldados dominando rebeliões; um julgamento assim é uma expedição punitiva ou um cerimonial de execução e suas vítimas são um Bruho, um Galileu ou um Dreyfus.

V. Exa., pela lição lapidar dos seus julgados, pelo granítico da sua personalidade, pela excelsitude da sua formação religiosa, também triunfará no novo mister.

**O EXMO. SR. MINISTRO ESDRAS GUEIROS (PRESIDENTE):** Cumpro o grato dever de comunicar aos eminentes Ministros e a todos que aqui se encontram que o Supremo Tribunal Federal se fez representar neste recinto, antes do começo desta solenidade, por intermédio de seu digno Presidente, o eminente Ministro Elói da Rocha, explicando S. Exa. que só não ficava para testemunhar esta homenagem porque havia hora coincidente de Sessão do Plenário naquele Tribunal, mas insistia em registrar que comparecia em nome de todos os seus colegas nesta justa homenagem que agora prestamos ao nosso eminente Ministro **Henoch Reis**.

V. Exa. tem a palavra, Ministro **Henoch Reis**.

**O EXMO. SR. MINISTRO HENOCH REIS:** Senhor Presidente, Senhores Ministros, eminente Professor Henrique Fonseca de Araújo, digno 4º Subprocurador-Geral da República, ilustre representante da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Distrito Federal, meus Senhores, minhas Senhoras, demais autoridades e funcionários desta Casa.

Era eu ainda muito jovem, naquela cidade onde nasci, à beira do Rio Solimões, quando um dia me chega às mãos um livro de Chateaubriand – não sei se “Atala”. Nele, apesar de perdido naquela pequena cidade, li, e nunca mais saiu de minha memória, aquela expressão belíssima do autor do “Gênio do Cristianismo”: “Feliz o homem que não conhece nada além do horizonte. *“Heureux celui qui ne connait rien au delà de son horizon”*. E, através de toda a minha vida, tenho verificado a verdade deste pensamento do grande poeta e escritor francês. Quantas vezes não tenho pensado, nas horas de recolhimento, se não seria preferível ter-me afastado de minha cidade natal, cujo nome evoca beleza e alegria, não para seguir a carreira de Professor de Direito e Juiz, e finalmente Ministro deste egrégio Tribunal, e sim para adentrar-me nos meandros da floresta, dos lagos, paranás, igarapés, e igapós, e ali permanecer para sempre. Assim, seria mais poético, mais romântico, e, principalmente, não teria conhecido tanta gente, que ora me traz o penhor de sua amizade e o testemunho de sua simpatia, e só a lembrança de me afastar deste convívio, deixa-me o coração transpassado de saudade.

Como é grande o ônus de querer bem e ser querido!

Fez ontem justamente oito anos e dois meses que numa manhã de sol, em Manaus, dava eu minha última aula, às sete horas da manhã, na Faculdade de Direito do Amazonas.

Ao sair daquela casa de Cultura que tanto amo, trazia os olhos rasos d’água, porque deixava atrás de mim toda uma mocidade cheia de esperança e de alegria, que também me queria bem. Sabia que jamais me esqueceriam. E não me enganou o coração. A prova disto são as cartas, os telegramas e telefonemas que venho recebendo de ex-alunos, de um extremo a outro do País.

Quando aqui cheguei, nomeado Ministro pelo grande Presidente Castello Branco, e por indicação do primeiro e grande governador da Revolução, no Amazonas, o Professor Artur César Ferreira Reis, fui recebido pelo nosso Presidente gaúcho, Ministro Godoy Ilha. Dizia eu, que trazia o coração cheio de entusiasmo, e o espírito repleto de fé. Fiz menção daquela festa de Palas a Atenéia, em que os gregos celebravam o seu entusiasmo, passando de mão em mão a tocha, representante da vida, do entusiasmo e da beleza.

O nobre representante deste Tribunal, o eminente Ministro Jarbas Nobre e meu amigo, como ele disse, não só por ser Ministro, por termos travado conhecimento nesta Casa, mas porque ele sente também a influência telúrica do Amazonas. E, às vezes, meus Senhores e minhas Senhoras, quando, à semelhança do autor do Método Fenomenológico em Filosofia, coloco entre parênteses este verniz de cultura e de civilização, e ponho de lado este complexo de cultura, para deixar só o homem, escoteiro, como se diz em minha terra, confesso que acredito nas lendas de meus pagos, e gostaria de ser um daqueles caboclos jovens que desaparecem nas florestas e nos igapós, e vão repousar nos braços roliços da mãe d’água, num palácio magnífico, no fundo dos lagos encantados.

E, hoje, nesta hora de despedida, antes de dirigir-me a este Tribunal, senti, pela primeira vez, uma saudade muito grande da floresta. Seria um paradoxo. Mas sou filho de português e o português é paradoxal. Estou, realmente, com saudades de todos. Era a influência telúrica, que me falava da nostalgia do barranco, como se expressaria o saudoso eminente Ministro Cunha Vasconcelos. Posso afirmar, com toda a verdade, que o entusiasmo que eu trouxe para esta Casa levo também para o Amazonas. Subi ao planalto cheio de fé e esperança. Retorno à planície com o coração pleno de esperança e de fé. Saio daqui com saudades de todos os colegas, de todos os advogados, de todos os membros do Ministério Público, de todos os funcionários.

Poderia dizer e não digo porque ainda não terminei minha carreira – como o Apóstolo das Gentes: “Combati o bom combate. Acabei a carreira e guardei a fé”. Tendo combatido o bom combate, estou ainda em plena carreira, e conservo a fé, por que meus Senhores e minhas Senhoras, quando o homem perde o entusiasmo já não tem por que viver. Asseguro-vos que, cada dia que passa, cada hora, cada mês, cada ano, meu entusiasmo e minha fé vão crescendo. Fé – como dizia eu no meu discurso de posse, repetindo o que dissera no de formatura – em Deus, nos Evangelhos e neste Brasil grandioso, cujo destino, estou certo, é dos mais alvissareiros da Terra.

Quero agradecer as palavras tão carinhosas pronunciadas pelo eminente Colega Jarbas Nobre. Ele viu de perto, realmente, o que aquele povo do Amazonas sente por mim, naquele episódio da menina balconista, que ficou alegre ao me reconhecer (diz o Ministro Jarbas Nobre que ela me reconheceu pela voz, e não pela aparência) e sua mãe é minha afilhada; naquele homem, de 82 anos, que queria a sua aposentadoria.

Sei que a tarefa é árdua, mas confio em Deus. Nesta hora, relembro aquele trecho de Isaías, o profeta evangélico: “Os que confiam no Senhor renovarão suas forças, subirão com asas como águias, correrão e não se cansarão, caminharão e não se fatigarão.”

Agradeço, ainda, ao ilustre representante do Ministério Público neste Tribunal, o Professor Araújo, cuja convivência foi para mim das mais agradáveis. Agradeço suas palavras, porque sei que partiram de seu coração.

Agradeço ao nobre representante da Ordem dos Advogados, que tantas vezes, da tribuna, defendeu a liberdade e o direito de seus clientes. Agradeço-lhe a referência, o carinho com que foi buscar as minhas palavras de posse e, enfim, todas as suas expressões.

Agradeço a todos que vieram abrilhantar esta homenagem. Quero dizer de público que jamais me empolgarei com qualquer cargo ou missão. Os homens públicos têm missão a cumprir, são uma espécie de soldado que, chamado para o trabalho ou para a guerra, tem que seguir. E eu vos digo que seguiria para qualquer setor compatível com a função de Ministro para onde o Governo da República me designasse.

Muito obrigado a todos.